

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

REBECA HELENA SAURETTI

**A Mídia hegemônica e a criminalização dos
Movimentos Sociais: Uma análise sobre o Movimento dos
Trabalhadores sem Teto**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**A Mídia hegemônica e a criminalização dos
Movimentos Sociais: Uma análise sobre o Movimento dos
Trabalhadores sem Teto**

Rebeca Helena Sauretti

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Mídia, Informação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dra Fabiana Amaral

São Paulo
2019

*“Enquanto morar for privilégio,
ocupar é um direito.”*

(Autor desconhecido), frase utilizada nas reivindicações do MTST

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meus pais Fatima e Luiz, por serem sempre meu porto seguro. Minhas irmãs Ana e Daniela, por serem tão amáveis, e enxergarem o melhor em mim sempre. Ao Daniel, companheiro de tantos momentos, por me ensinar que desistir jamais deve ser uma opção.

Agradeço aos meus amigos, por não soltarem minhas mãos jamais, por estarem sempre por perto, mesmo que muitas vezes falte a proximidade física.

Agradeço aos novos amigos que o Celacc me proporcionou, e aos professores por provocar o sentimento de inquietação, de reflexão e de crescimento acadêmico nas nossas discussões em sala de aula.

Agradeço a minha orientadora, Fabiana Amaral , por ser símbolo de resistência, de força, e também de ternura.

Agradeço ao Guilherme Simões, coordenador do MTST, pela colaboração nesse trabalho, sendo solícito e proativo.

Agradeço também a resistência encontrada nos movimentos sociais e nas mobilizações, por tantas pessoas inspiradoras que não cessam de lutar por direitos das minorias.

Agradeço a Deus, ao Universo, por nunca deixar faltar a força necessária para lutar e resistir.

A MÍDIA HEGEMÔNICA E A CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: Uma análise sobre o Movimento dos Trabalhadores sem Teto

Rebeca Helena Sauretti

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de refletir sobre como os movimentos sociais são criminalizados pela mídia hegemônica, ao longo de suas trajetórias na realização de ações que visam auxiliar as minorias. Para melhor obtenção de resultado, foi escolhido para análise o Movimento dos Trabalhadores sem Teto - MTST, no que diz respeito a sua história, cobertura midiática e estratégias comunicativas utilizadas pelo movimento, para diminuir os impactos causados por esses meios de comunicação de alcance da maior parcela da população. Para isso será necessária uma compreensão sobre a evolução da comunicação e os critérios ao se desenvolver a notícia, tal como um aprofundamento sobre as atribuições do MTST.

Palavras-chave: Mídia Hegemônica; movimentos sociais; MTST; minorias; ocupações.

ABSTRACT

This article proposes a reflection about how social movements are criminalized by the hegemony media during their trajectories helping the minorities. In order to achieve the best possible result, the brazilian popular social movement chosen for this analysis was the MTST - Movimento dos Trabalhadores sem Teto, in relation to their history, media coverage and the communication strategies adopted by the movement in opposite to the mass media, which influence most of the population. This will require an understanding about the evolution of the communication and the news development process, as well as the in-depth study around the MSTs.

Keywords: Hegemony media; News development; social movements; MTST; minorities.

RESUMEN

El presente artículo tiene el propósito de reflexionar sobre como los movimientos sociales son criminalizados por la media hegemónica, a lo largo de sus trayectorias en la realización de acciones que apuntan auxiliar las minorías. Para mejor obtención de resultado, ha sido elegido para análisis el Movimento dos Trabalhadores sem Teto -MTST, en lo que se refiere a su historia, cobertura mediática y estrategias comunicativas utilizadas por el movimiento, en contrapartida a esos medios de comunicación alcance de la mayor parcela de la población.

Para eso será necesario una comprensión sobre la evolución de la comunicación y los criterios al desarrollar la noticia, tal como profundizando sobre las atribuciones del MTST.

Palabras clave: media hegemónica; noticias; movimientos sociales; MTST; minorías.

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais sempre foram tratados com certa criminalização pelos meios midiáticos que atingem a grande massa, meios esses que podem ser aqui descritos como mídia hegemônica. Por mais que se fale da imparcialidade da mídia ao se formular a notícia, na prática isso não acontece de forma tão eficaz. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a interpretação da sociedade acerca desse tema, devido a forma como os fatos são comunicados pelo noticiário, e as possíveis consequências dessa condição para os movimentos sociais. Foi escolhido para analisar e evidenciar esse fato, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), pela sua atuação nos últimos anos, e por estar em destaque na mídia e dessa forma, ser possível uma análise mais abrangente sobre a questão.

Os movimentos sociais surgem pelos mais variados aspectos, porém, possuem em comum o fato de abordar e lutar por questões que atingem os grupos menos favorecidos da sociedade, nas vertentes econômicas, sociais, culturais e ambientais, grupos marginalizados que serão tratados nesse artigo como minorias. O crescimento desses movimentos no Brasil se fez mais notório nas últimas décadas, principalmente pelo objetivo de questionar e resistir a política elitizada.

O MTST foi criado em 1997, e desde então teve momentos de instabilidade em sua trajetória, onde seu período de maior evidência nos noticiários ocorreu principalmente ao longo dos últimos vinte anos, pela sua organização em prol da luta por moradia digna e maior igualdade social, questionando o poder público sobre medidas cabíveis para melhorar esse quadro. Organizado por trabalhadores, e militantes assíduos, teve suas raízes no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e hoje atua na maioria dos estados brasileiros, após mais de vinte anos de existência. As ações do Movimento estão ligadas a ocupações em propriedades que estejam vazias e ociosas, uma vez que para a Constituição Brasileira, a propriedade privada é um direito, desde que tenha uma função social, função essa que está assegurada pela lei denominada Estatuto da Cidade, regulamentadora do uso da propriedade em prol do bem coletivo, segurança e bem-estar do indivíduo, lei que contempla os artigos 182 e 183 da Constituição, sobre a política de desenvolvimento urbano e direito a posse, que serão explicados no decorrer dessa análise.

O Movimento utiliza como base argumentativa para uma de suas principais vertentes, a luta por moradia, o fato de que todo indivíduo tem direito a uma moradia digna, considerando como argumento que a quantidade de famílias desabrigadas é praticamente a mesma de imóveis vazios. Além das ocupações previamente organizadas e estrategicamente escolhidas, o MTST atua em mobilizações sociais com o intuito de melhorar as condições de vida das minorias excluídas da sociedade. A grande questão de conflito sobre as ocupações realizadas pela organização, está relacionada a sua legitimidade, uma vez que não é reconhecido a legalidade dessas ocupações. Por esse aspecto, as notícias referentes a essas ações do MTST são tratadas como criminalidade e os acampamentos instalados nas propriedades são considerados invasões para a mídia hegemônica.

Um tema de grande relevância na atualidade, é a influência que a mídia pode ter sobre a percepção do indivíduo a respeito de determinados assuntos. A eleição presidencial de 2018 é um exemplo claro de como a notícia veiculada pela mídia pode influenciar a opinião da população. Assim, a mídia hegemônica, ou seja, mídia que exerce o domínio da comunicação, tem um papel influente no cotidiano do indivíduo, uma vez que por sua legitimidade, têm notória influência na sociedade. Para refletir sobre essa questão, será necessário analisar brevemente a trajetória desses meios de comunicação, no que diz respeito a transformação da forma de transmitir os fatos e sua significativa representatividade, além de uma interpretação das notícias sobre o MTST divulgadas por esses canais midiáticos, no que diz respeito aos critérios adotados para a criação da notícia, ideologias e o poder da indústria cultural.

Para se alcançar os objetivos propostos neste trabalho, buscou-se uma reflexão sobre autores como Felipe Pena, Milton Santos, José Marques de Melo, Raquel Paiva, Muniz Sodré, entre outros que se dedicaram a estudar o tema, tal como uma análise das estratégias de resistência adotadas pelo movimento. Essa análise será possível através de interpretação de notícias e entrevista com um membro do MTST.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mídia hegemônica e reflexões sobre a comunicação de massa

A informação na sociedade contemporânea tem um importante papel enquanto forma de conhecimento comunicado. E deste modo, pode ser indicada como fator primordial para o desenvolvimento econômico e intelectual de uma sociedade (CAPURRO e HJORLAND, 2007, p 150). Porém, é importante ressaltar que ocorreu um processo de transformação sofrido pela informação ao longo dos tempos, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento dos computadores, que facilitou maior disseminação de conhecimento para os indivíduos, afinal a tecnologia transformou em nível global a maneira como a informação é transmitida.

Ainda que as tecnologias da informação afetem de forma desigual as atividades econômicas, o crescimento cada vez mais acelerado dos setores intensivos em informação e conhecimento encontra-se no cerne do processo de desenvolvimento da sociedade. (Lastres e Ferraz (1999, p. 33 apud SUGAHARA, 2011, p 157).

Disseminar a informação, colabora além de que com as transformações estruturais, com a própria difusão da tecnologia, e essa tecnologia está presente nas estruturas sociais em rede que demandam maior informação e conhecimento para o desempenho de funções. (SUGAHARA, 2011, p 158).

Pode ser verificado na transição da Idade Média para a Moderna, que a definição de Informação começava a criar um conceito, onde se tratava de dar uma forma a algo (matéria) para que esse elemento pudesse ser comunicado a alguém, essa reflexão de conceito se fazia possível através da filosofia de Descartes. Porém, essa descrição seria então reinventada por outros estudiosos com o surgimento da Teoria da Informação no século XX. A informação foi “adotada” pela filosofia empirista, por parecer conseguir descrever as sensações e a principal reflexão seria de como a mente poderia ser informada pelas sensações do mundo, ou seja, a informação começou a mudar da ordem intelectual para a sensorial, e assim sua semântica começou a ser ligado diretamente a questões sobre o conhecimento. Fato é que, deve ser considerado dois conceitos básicos para a palavra informação: “o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento (...) duas ações são intimamente relacionadas” (Capurro e Hjorland, 2007, p 155).

A Informação foi transformada ao longo dos tempos, de acordo com a interação em que o conhecimento se transmitia. Segundo Thompson (1998), há três formas de

interação, em que podemos dividir esse processo de informação: a face a face, como forma mais tradicional e antiga de interação entre os indivíduos; a experiência mediada, onde o indivíduo consegue interagir, se comunicar uns com os outros, como é o caso dos telefones, e na era digital, as Redes Sociais; e a quase-mediada, onde não há interação, sendo que a transmissão de informação é feita através de meios de comunicação em massa, como televisão, rádio e revistas por exemplo, sendo essa o tipo de interação analisada neste trabalho, uma vez que o foco é a mídia hegemônica.

A transformação do modo de se comunicar foi intensa, desde o surgimento da escrita, no século XV, e posteriormente a partir das técnicas de impressão, fundamental para a propagação de informação a sociedade. Com o surgimento da mídia no século XIX, a interação entre os indivíduos foi significativamente alterada, uma das alterações de maior relevância é a relação espaço/tempo, o que permite que a informação não seja mais limitada como era antigamente. (THOMPSON, 1998).

Com a evolução da mídia, surgiram as questões dos privilégios de quem detinha o poder de dominá-la, nesse contexto, a mídia aparece para ocupar o papel de principal mediadora nas relações individuais, uma vez que se tornou responsável por associar o indivíduo ao meio e a outros indivíduos. Ao se falar sobre mídia, Nilson Lage (2001) traz um interessante aspecto sobre a imprensa no Brasil, que auxilia na compreensão de como o jornal impresso em nenhum momento teve grande circulação no país, se considerado a proporção da população em relação a países como França e Inglaterra, em partes pela questão da grande discrepância econômica, mas também por uma perspectiva sobre o processo de industrialização e de grande movimentação dos veículos de comunicação eletrônicos, como o rádio e posteriormente a televisão, por ocuparem significativamente o espaço que seria do jornal impresso, o que veio a ocasionar inclusive uma certa falta de “tradição da leitura”. Além do marcante surgimento desses veículos que mudaram de modo expressivo o cenário da comunicação, a questão da censura no quadro político do Brasil também interferiu na circulação da notícia jornalística, importante aspecto para se notar que a imprensa brasileira é uma imprensa elitizada:

Em suma: embora às vezes graficamente primorosos, os grandes jornais brasileiros seriam bastante deficientes do ponto de vista editorial, distantes do leitor, preocupados demais em servir à complexa ordem do poder. O fato é que a grande imprensa brasileira é uma imprensa de elite. Os jornais populares que existiam no começo do século praticamente desapareceram a partir da extinção dos subsídios ao papel, no começo da década de 60. Ler jornais é, no Brasil, diferencial de classe, ocupação própria dos formadores de opinião. (Lage, 2001 p 24)

Ainda segundo Lage (2001), é importante ressaltar que essa questão dos meios de comunicação impressos é fundamental para entender o processo de dominação da mídia hegemônica para as classes dominadas. E se faz mais claro ao refletir que a notícia até a Revolução Industrial tinha uma função específica de relatar fatos importantes para os segmentos de manufatura, comércio e política, mas ao ganhar o público de massa, as características da notícia se alteraram para bens de consumo, tratando aqui a notícia como “articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou” (Lage, 2001 p 25). Assim, ao se pensar na notícia, como produto para impulsionar o consumo, é notório o seu objetivo de alcançar a grande massa, uma vez que o fato de apenas transmitir informação acaba cedendo espaço para a produção industrial.

Dessa perspectiva, a notícia é depreciada ao máximo quando, além de ser produto industrial, inclui-se na comunicação de *massa*, em que *massa* é “um público desconhecido e indiferenciado”, do qual se pretendem “condutas desejáveis” que abrem caminho “para uma possibilidade de manipulação e controle social”. Por outro lado, a notícia aponta para o imediato concreto, e o projeto a que se procura condenar o pensamento especulativo é o mais abstrato e distante das práxis, no limite a que se a mesquinhou, sem realmente contestar, a questão dos fins últimos e causas primeiras. (Lage, 2001, p 25)

Pode se considerar que a notícia apresentada para a população, tem o intuito de manipular a conduta do indivíduo perante determinados assuntos, justamente para que suas ações sejam controladas para questões polêmicas, como política, por exemplo. Dessa forma, a mídia dominada pela elite e de alcance para grande parte da população, tratada neste trabalho como mídia hegemônica, consegue “controlar” as classes dominadas.

Devido ao processo histórico do país, é notório uma concentração de veículos midiáticos, apesar da crescente de jornais populares, liderados pela televisão que

segundo Matos (2008), se apresenta como meio de maior alcance para a grande massa, o que inclusive levanta uma importante reflexão em que é possível notar que esse agrupamento da mídia em torno de meios específicos de comunicação no Brasil “reflete as desigualdades da sociedade brasileira, herdeira de um legado colonial autoritário que impede a participação de maiores parcelas da população como cidadãos/consumidores dos produtos de mídia.” (Matos apud Amaral, 2008, p 32).

Assim, a televisão, como um dos condutores de maior alcance da veiculação da notícia, acaba por garantir a hegemonia da informação, sendo um dos principais eixos da mídia hegemônica no Brasil, o que faz com que outros meios de comunicação como jornais e a internet, por exemplo, reproduzam o mesmo estereótipo desse meio midiático ao criar a notícia, adotando assim características elitistas e que por vezes criam uma interpretação ambígua e até distorcida sobre assuntos que envolvam questões relacionadas com as minorias, muito por sua característica de uma comunicação autoritária, manipuladora, patriarcal e unidirecional. Para essa reflexão sobre a manipulação da informação, Milton Santos (2008) traz uma contundente análise, muito pertinente para ser citada neste trabalho, em relação a importância da comunicação nos dias atuais, enfatizando, porém, certa preocupação sobre a gravidade da distorção dos fatos ao se noticiar:

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. (SANTOS, 2008, p 20)

Assim, como poderá ser acompanhado ao longo deste estudo, a mídia hegemônica, acaba por “criminalizar” determinados assuntos, que envolvam sobretudo questões que contradizem os interesses políticos e sociais, de quem faz e circula a notícia. Uma vez que se torna acima de tudo um produto midiático que busca convencer, mais do que, de fato, instruir.

2.2 A construção da notícia

(...) enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam dos grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo as vezes forças de resistência e progresso. Consequentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constitui. (KELLNER, 2001, p 27)

Em âmbito global, as instituições que controlam os conglomerados midiáticos atuam para defender seus interesses econômicos, políticos e sociais. Assim, a ideologia comunicada por esses meios se torna um grande artefato na sociedade do consumo.

Partindo desse princípio de conjunto de interesses que norteiam as mídias, se faz necessário compreender a notícia, como a matéria prima do jornalismo. Há muitas teorias envolvendo o Jornalismo e muitos autores que se dedicaram a um estudo sobre, desde a Teoria do Espelho que defende que as notícias são como são, onde o jornalismo reflete a realidade, e outras teorias que defendem a construção da realidade, como por exemplo para Souza (2002), que justifica que as notícias são construídas pela interação de várias forças, sendo as pessoas, a ideologia, a sociedade, o meio e a cultura e cada força tem sua definição sobre o fato, formatando os valores-notícias.

Neste trabalho, cabe citar a teoria de *newsmaking*, que leva em consideração “critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção” (PENA, 2005, p 128). A noticiabilidade, nada mais é que um conjunto de critérios para estabelecer se o fato pode ser tornar uma notícia.

Segundo o autor, esses critérios são negociados entre editores, repórteres e outros que fazem parte do processo de criação da notícia, e para isso a aplicação dos valores-notícias são fundamentais, critério esse que se trata de uma análise do que de fato é viável a se tornar uma notícia. Em relação ao valor que a notícia possui para que seja de fato redigida, varia de empresa para empresa, de acordo com os segmentos diferenciados que podem vir a possuir, porém sempre levado em consideração aspectos que refletem as características da sociedade.

Talvez não se possa falar de pluralismo, porque toda instituição jornalística possui linha editorial que, através da seleção de informações (pauta, cobertura), entrelaça o fluxo noticioso e lhe dá um mesmo sentido. Mas existe uma abertura para que a valoração das notícias possa ensejar a circulação de diferentes pontos de vista. A amplitude desse espaço varia de instituição para instituição e depende sempre da conjuntura política nacional. (MELO, 2003, p 102)

Apesar de critérios próprios para a elaboração de notícias, alguns aspectos são fundamentais na interpretação dos fatos para ser decidido a relevância na criação da notícia, assim, para Wolf (1987) a noticiabilidade nada mais é “que a capacidade que os fatos têm para virar notícia”, onde os valores notícias podem ser elucidados em categorias, segundo síntese de Pena (2005, p 72):

- Categorias substantivas: classificadas de acordo com a importância de quem ou o que está envolvido e de acordo com o interesse do público sobre esse fato;
- Categorias relativas ao produto: classificadas de acordo com a atualidade, novidade e objetividade, além de opinião da própria empresa;
- Categorias relativas ao meio de informação: classificadas de acordo com o acesso às fontes dos fatos, locais e limites de formatação da notícia, como por exemplo, necessidade de imagens para a televisão.
- Categorias relativas ao público: classificadas de acordo com interesse e proteção do público.
- Categorias relativas a concorrência: de acordo com fatos que possam ser exclusivos e por esse motivo determinante perante a escolha de sua noticiabilidade como vantagem para os concorrentes.

Ao se construir a notícia, há a responsabilidade sobre como será interpretado pelos receptores das informações. Para isso, muitos são os mecanismos adotados por quem participa dessa construção. Um dos fatores fundamentais é a redundância, ou seja, o reforço e a repetição, de determinada informação. “Na imprensa, a redundância já está incorporada à rotina das redações. Usamos manchetes, que remetem a títulos, que fazem referência a subtítulos, que são confirmados pelo primeiro parágrafo da matéria”. (PENA, 2005, p 82)

Muitas características diferentes foram adotadas na construção da notícia ao longo dos tempos, uma vez que até o começo do século passado, a produção textual tinha

características opinativas, assim, as notícias tinham uma grande introdução discursiva sobre a linha de pensamento, do jornal por exemplo, até de fato chegar no assunto a ser informado. Dessa forma, surgiu a necessidade de objetivar as notícias, criando assim um novo conceito de escrita, o *lead*, cuja definição, Pena (2005, p 42) traz a seguir: “O *lead* nada mais é que do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo as perguntas básicas do leitor: o que, quem, como, onde, quando e por que”. Assim, pode-se afirmar que o *lead*, tem a função de trazer ao leitor, em síntese, o que será discutido ao longo da notícia, e por isso apresenta grande responsabilidade na sua produção, uma vez que pode influenciar em como o receptor receberá a informação proposta ao longo do texto.

2.3 Movimentos Sociais e um breve contexto sobre as estratégias de mídias contra hegemônicas

Não temos como descrever o histórico do MTST sem antes discorrer sobre o engajamento dos movimentos sociais e não é possível falar sobre movimentos sociais sem trazer para reflexão o significado de “minorias”. Para entendimento do contexto, devemos tratar minoria com seu valor qualitativo e não quantitativo, ou seja, pensar no termo para se referir a frações da sociedade que lutam para serem ouvidas, uma vez que movidas pela ideologia de transformação, principalmente por confrontarem diariamente problemas sociais, dessa forma, negros, mulheres, homossexuais, ambientalistas, entre outros se encaixam no perfil de minorias.

Sodré (2005) ao falar de minoria, cita a importância da luta contra hegemônica traçada por elas, uma vez que a minoria luta contra o poder centralizado, onde a mídia se faz presente como maior atributo de defesa por esse espaço. Pode-se afirmar, segundo o autor que “minoria é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra hegemônica no círculo fechado das determinações societárias”. (Sodré, 2005, p 14)

Tendo como um dos principais intuitos agregar voz e força aos grupos minoritários, surgem os movimentos sociais, que têm por objetivo em comum minimizar impactos negativos para essa grande parcela da população, território e ambiente, nas vertentes mais variáveis, ambientais, políticas e sociais. Para Volanin (2007), os movimentos sociais possuem várias definições abrangentes, mas de modo

geral “aglutinam setores afins da população, com o objetivo de reivindicar e defender os interesses em comum”. (Volanin, 2007, p 11)

Se, conforme citado anteriormente, a mídia ocupa um papel de mediadora na relação dos indivíduos, ela é totalmente responsável por difundir a informação. Como atinge uma parcela considerável da população e detém o controle de difusão de notícias, principalmente por questões econômicas e políticas, a criminalização dos movimentos sociais e dos grupos organizados que defendem questões relacionadas às minorias, acabam se tornando algo corriqueiro nas manchetes que estampam a grande imprensa.

A criminalização dos grupos minoritários e dos movimentos que defendem esses grupos partem principalmente do fato que, segundo Paiva (2005), a mídia regula toda a relação entre o indivíduo e o meio, e dessa forma, é responsável por representar uma clara segregação social formada por quem tem acesso aos bens de consumo midiáticos, e pela população excluída desse consumismo, essa divisão cada vez mais marcante desses dois distintos grupos, acaba por resultar na exclusão dos indivíduos minoritários, de modo a produzir uma nova forma social regulada pela violência. Esses grupos minoritários marcados pela luta contra hegemônica perfazem assim, por resignação relacionados com a ideia da violência. (Paiva, 2005, p 17)

Sobre esse aspecto de como a classe que detém o poder utiliza os recursos da mídia para tornar o acontecimento que envolve essas organizações, algo que traga à tona sentimentos coletivos e assim, garanta o sucesso de sua ideologia, Volanin (2007) faz uma importante reflexão:

A ideologia dominante é colocada como um conjunto de ideias consensuais de todos os indivíduos da sociedade. Pretende com isso ganhar o apoio, principalmente de setores da classe média, utilizando os meios de comunicação procurando incriminar os movimentos sociais e seus líderes. A sociedade acaba por se convencer e levar em consideração que o ato de lutar por um direito torna-se um crime contra a ordem social. (Volanin, 2007 p 14)

É nesse contexto que, tentando minimizar os impactos negativos, sobretudo com o propósito de divulgar os princípios e ações dos movimentos sociais, é essencial a utilização da mídia contra hegemônica como estratégia para se alcançar a maior parte de indivíduos, e também para crescer como organização, expandindo seus ideais. Para Henriques (2007), os movimentos procuram visibilidade e reconhecimento no espaço da mídia, para serem ouvidos. Como a mídia hegemônica é um espaço

privilegiado uma vez que oferece “visibilidade ampliada das disputas e controvérsias existentes na vida social e se torna central para a divulgação das produções simbólicas que acontecem nos diversos campos sociais” (Fernandes, 1991 apud Henriques 2007 p 12) a contra hegemonia é a forma de diminuir esse processo elitizado distribuição da informação. A seguir, o autor faz uma importante reflexão sobre a relevância da estratégica de comunicação dos movimentos sociais, que são fundamentais a serem pontuadas neste trabalho:

Em um processo de mobilização social, as características da comunicação têm de ser condizentes com uma proposta ética; cabem iniciativas descentralizadas, distintas de uma comunicação manipulada, autoritária, unidirecional e paternalista. A comunicação, como uma coordenação de ações, é capaz de cumprir com esta proposta ética, sendo adequada à mobilização social. Ela é capaz de desempenhar a função de gerar e manter canais desobstruídos entre públicos e projetos, para que se estabeleçam e sejam mantidos vínculos fortes entre os mesmos. (Henriques, 2003, p 11)

Ou seja, utilizar a mídia contra hegemônica para mobilizar a sociedade é a proposta que deve ser considerada prioritária para que os movimentos sociais consigam difundir suas ideias e princípios, e assim obtenham expressivo alcance midiático. Baseado nesta reflexão, e na condição que o autor dá para a questão tratada, podemos pontuar quatro estratégias de comunicação necessárias para que os movimentos sociais consigam expandir seus princípios, sendo elas:

- Divulgação da informação: deve ser a primeira estratégia adotada pelo movimento, com o intuito de mobilizar e gerar visibilidade para as questões defendidas. Com o foco na comunicação de massa, mas também na segmentada para se atingir públicos específicos e em potencial.
- Promover o sentimento do “Coletivo”: a ideia é estimular a conexão dos indivíduos, para que gere o sentimento de pertencimento em relação as causas do movimento. Divulgação de ações das pessoas que fazem parte desse coletivo, a fim de mostrar que os resultados são potencializados por essas ações, gera um maior sentimento de pertencimento.
- Registro da memória do movimento social: é fundamental a existência de um acervo do Movimento, a fim de armazenar informações sobre sua trajetória e inclusive auxiliar no processo de mobilização;

- Prover elementos que permitam identificar com o movimento social e sua causa: todo movimento necessita de uma identidade que o faça ser notado e diferenciado, e nesse ponto a comunicação é essencial para gerir elementos simbólicos que criem a assimilação do indivíduo pela causa ou pelo projeto mobilizador. (Henriques, 2003, p 10)

Essas estratégias são essenciais para que o movimento social se consolide e consiga de fato seu espaço de representatividade. É nesse espaço, inclusive, que deve ser difundido a realidade dos fatos sobre a organização dos movimentos, sobre seu engajamento social e abrangência de questões das minorias, uma vez que se adota assim, através do principal recurso de informação, a possibilidade de atingir uma parcela significativa da sociedade, com fatos reais e não manipulados e consequentemente criminalizados pela hegemonia da mídia.

2.4 Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), histórico e atribuições

Antes de apresentar o contexto histórico do Movimentos dos Trabalhadores sem Teto, é necessário compreender a situação de moradias no Brasil, através de algumas informações relevantes. Segundo o site de notícias da BBC Brasil, em reportagem publicada em maio de 2018, foi apresentado os seguintes dados: o país possui mais de seis milhões de famílias sem moradia e aproximadamente seis milhões de imóveis vazios, imóveis esses muitas vezes em condições irregulares. O direito à moradia é garantido ao cidadão brasileiro, uma vez que assegurado pelo artigo 6º da Constituição, sobre Direitos e Garantia Fundamentais:

“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (Site do Senado, 2015).

Como complemento deste artigo, sobre questão de propriedade privada, o artigo 5º da Constituição cita que o direito a propriedade privada não é absoluto, ou seja, a propriedade obrigatoriamente deve cumprir seu papel social, uma propriedade vazia é ilegal. A função social ao qual a Constituição está pautada é contemplada pelo Estatuto da Cidade, que vide Site do Planalto “estabelece normas de ordem pública e

interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental”. O Estatuto da Cidade possui dois artigos sobre política urbana, que são necessários serem citados aqui justamente para maior entendimento sobre a legitimidade das ações realizadas pelo movimento social estudado:

Art. 182. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes. (SITE DO PLANALTO)

Art. 183. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural. (SITE DO PLANALTO)

Entendido que o direito à moradia está assegurado por lei no Brasil, pode ser contextualizado um pouco sobre essa estatística negativa apontada pela BBC. O processo que culminou nesse problema grave de moradia no Brasil não é recente, e deu-se por uma junção de acontecimentos, que estão atrelados ao desenvolvimento econômico, social e territorial do país. Segundo Simões et al (2017) em sua obra que narra a trajetória do MTST, foi apenas a partir da década de 1990 que o Brasil se tornou um país predominantemente urbano, mas as dificuldades de acesso a moradia vieram de um passado bem mais remoto. Se refletido sobre o período de colonização, os indígenas perderam a maior parte de seu território para os portugueses, e os negros após a abolição, não conseguiram comprar terras, devido a Lei de Terra de 1850, assim, predominantemente formada por negros e índios, a maior parte da população era excluída, enquanto pequenos grupos privilegiados, principalmente formados por herdeiros de terras, exerciam o poder político. Dessa forma, a questão agrária pode ser considerada uma das raízes do problema social no Brasil, uma vez que impacta diretamente nas cidades: “o inchaço das periferias e a consequente precarização da vida urbana para os mais pobres é resultado da desagregação da vida no campo e da ausência de alternativas para as maiorias.”. (SIMÕES et al, 2017, p 22)

Com o propósito de minimizar problemas de moradia, foi que, em meados da década de 1990, as discussões acerca do assunto foram intensificadas. A cidade de Campinas, interior de São Paulo, enfrentava um aumento expressivo da pobreza,

resultante de um dos maiores crescimentos metropolitanos do país, com uma parcela considerável da população vivendo em moradias com más condições entre ocupações e favelas; segundo Simões et al (2017) nesse delicado período de problemas sociais marcantes, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) começou a refletir sobre a necessidade de atuação urbana para intensificar as estratégias da Reforma Agrária, assim, membros do MST e atuadores sindicais se uniram em ações de ocupações na cidade, surgindo assim, no ano de 1997, o Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST). Muitas das ocupações que ocorreram neste período, com o auxílio do novo movimento social, atualmente são bairros que abrigam milhares de famílias, como o Parque Oziel com mais de quinze mil famílias.

O aumento das periferias em Campinas, juntamente com outros fatores que envolviam problemas urbanos fez com que um grupo de militantes do movimento se deslocasse para o Rio de Janeiro e evidências de simpatizantes com o movimento também começaram a surgir em outros estados também. Mas foi em Guarulhos, Grande São Paulo, no ano de 2001, que o MTST teve seu reconhecimento nacional, ocupando um terreno próximo ao Aeroporto Internacional, a ocupação que recebeu o nome de Anita Garibaldi, contou com o apoio de estudantes de arquitetura e urbanismo e com mais de duas mil famílias, o que segundo Simões (2017) impressionou a todos principalmente pela organização. Nessa concepção, o autor destaca dois aspectos importantes: a aproximação de um grande número de pesquisadores e simpatizantes, que queriam entender a luta urbana desse “Movimento sem Teto”, e o debate em torno de uma estratégia propriamente urbana de atuação. (SIMÕES, 2017, p 27). Dessa forma, além de utilizar apenas espaços que se encontram sem função social, as ocupações realizadas pelo MTST sempre foram em locais estratégicos, segundo informação do site do próprio movimento:

O local onde fazemos uma ocupação é algo determinante para a influência que pode ter. Fazer um acampamento próximo ao Palácio de Governo, ou ao lado de uma importante rodovia, ou ainda próximo de um grande porto ou aeroporto nos dá um poder de intervenção muito maior do que fazer no fim da cidade, próximo a área rural. (Site do Movimento dos Trabalhadores sem Teto)

A astúcia organizacional desse movimento cresceu nos anos seguintes, e em 2003 foi ocupado um grande terreno em São Bernardo do Campo, marcando ainda mais a trajetória nacional do MTST. Porém, junto com o crescimento organizacional,

também crescia a represália e criminalização de suas ações, muito pelas notícias que saíam a respeito dos militantes. Por essa atuação violenta sobretudo do Governo Estadual e por tentativas de ocupações frustradas, o movimento quase encerrou suas atividades, mas uma importante ocupação em Taboão da Serra no ano de 2005, mudou o rumo do Movimento, tornando-o referência nacional de organização mais uma vez. A partir de então, muitas ocupações foram realizadas de forma bem estruturada, algumas por pouco tempo, com despejo iminente, outras que posteriormente se transformaram em condomínios e moradias permanentes. Sobre as questões de moradias, vale um destaque para o fato de que construtoras e empreiteiras são as grandes responsáveis pela especulação imobiliária e essa valorização do imóvel é um fator excludente para a maioria da população que não consegue pagar pela propriedade.

O MTST possui como um dos pilares de sustentação, o sentido de “coletivo”, tanto que existem várias versões para a criação do símbolo do Movimento, mas a disponibilizada por Simões et al (2017, p 26), é de que “surgiu no calor das lutas, e que portanto, é coletivo, como tudo que ocorre no MTST.” Esse sentido de coletivo se aplica inclusive para as ações de ocupações, onde é priorizado as soluções para o grupo de pessoas e não para o indivíduo apenas. Sua organização conta com três frentes de atuação, chamadas de “coletivos políticos”, são eles segundo o site do Movimento:

- Coletivos Políticos: tomadores de decisões políticas gerais do MTST;
- Coletivos Organizativos: tomam decisões e executam ações para a edificação do movimento;
- Coletivos Territoriais: organizam e tomam decisões referentes ao trabalho territorial do MTST. (Site do MTST)

Esses coletivos mencionados são divididos em setores, sendo eles, Formação Política, Negociação, Organização, Autodefesa, Auto Sustentação e Finanças, Trabalho Comunitário e a Comunicação e Simbolismo, o qual merece destaque neste trabalho, uma vez que é o setor responsável pela divulgação do Movimento em seus canais próprios, e também pela resistência de sua identidade simbólica, estratégia necessária para minimizar os impactos negativos causados pela mídia hegemônica.

2.5 Organização e Resistência do MTST

Como dito anteriormente, o movimento social é criminalizado pela sua forma de agir, no que diz respeito a como as notícias são veiculadas, para isso se faz necessário uma organização sólida e estratégica de resistência. Assim, ao longo desses vinte anos de existência do Movimento dos Trabalhadores sem Teto, foi necessária muita reflexão sobre os rumos a serem tomados.

Um importante passo para a comunicação do movimento foi a produção do livro “MTST 20 anos de História - Luta, Organização e Esperança nas Periferias do Brasil” narrativa dedicada a ilustrar a trajetória do movimento desde sua criação em 1997, até os dias atuais. Esse artigo teve a oportunidade de trazer algumas informações adquiridas em entrevista (escrita) com Guilherme Simões de 34 anos, um dos autores do livro, e membro da coordenação nacional do MTST desde 2005. Ao ser questionado sobre como os membros do movimento sentem a criminalização da mídia hegemônica e suas consequências, Simões foi categórico:

Em geral, o membro do movimento percebe a discriminação por parte da grande mídia expressa tanto diretamente na abordagem dos grandes meios, como no preconceito de parte da sociedade que aprende ano após ano, a valorizar mais a propriedade do que a vida. Eu diria que é uma das principais frentes da luta de qualquer movimento social, construir uma visão contrahegemônica e apresentar à sociedade a perspectiva de quem não tem acesso à direitos básicos e se dispõe a arregaçar as mangas e lutar por eles.

Para complementar sua fala sobre essa questão, o entrevistado descreveu o que acredita ser necessário para minimizar os impactos ocasionados pela repercussão de notícias negativas sobre o movimento na grande mídia:

Acredito que seja necessário construir uma ampla narrativa a respeito do que são os movimentos sociais e porque eles existem. A sociedade como um todo deve entender as razões de uma pessoa que ocupa um terreno abandonado, pois existem duas coisas inaceitáveis: a falta de moradia, ou seja, a negação de um direito básico à dignidade humana e a cruel especulação imobiliária que não só impossibilita o acesso à moradia, como opera nas instituições de poder, priorizando a propriedade privada de alguns em detrimento ao direito à cidade para as maiorias. Penso que devemos criar, estimular e desenvolver mais a mídia alternativa, voltada a construir uma narrativa popular.

Como uma das estratégias necessárias para que o movimento social permaneça ativo e com seus objetivos claros, é a utilização da mídia contra

hegemônica, ao ser questionado sobre como o MTST utiliza a mídia ao seu favor, Simões menciona o seguinte:

Existe um setor de comunicação no MTST que desenvolve experiências variadas de comunicação popular, como é o caso do jornal O Formigueiro, um informativo interno do Movimento. Mas também temos muitos aliados do campo da comunicação que nos ajudam a construir essas narrativas a que me referi. É o caso da Mídia Ninja, entre outros.

Cabe um parêntese para elucidar que a Mídia Ninja ao qual se refere o entrevistado, é uma mídia alternativa presente principalmente nas Redes Sociais, que ganhou notoriedade em 2013, com cobertura das manifestações que ocorreram nesse período. Atualmente, é um dos canais de maior destaque da mídia contra hegemônica, apoiando movimentos sociais e dialogando em prol de questões sociais, ambientais e culturais no país.

Além da Mídia Ninja como umas das principais parceiras de notícias sobre ações do movimento, o MTST conta com um jornal de circulação interna chamado “O Formigueiro” no qual tem destaque o cotidiano dos indivíduos que fazem parte do movimento, as ocupações e ações sociais desenvolvidas pelo MTST. O Site www.mtst.org também é um importante meio de comunicação, contendo grande produção audiovisual, entre documentários de moradores das ocupações, vídeos explicativos sobre como funciona o movimento e a rádio Sem Teto, importante mecanismo contra a mídia tradicional.

Para finalizar a entrevista, e baseando-se na organização citada anteriormente neste trabalho por Henriques (2003), no que diz respeito a divulgação da Informação, o sentimento de “Coletivo”, o Registro da Memória do Movimento Social através de acervos e a disposição de elementos simbólicos que permitam uma identificação do Movimento, foi questionado se dentro do MTST há essa preocupação em relação a essas estratégias, e Guilherme Simões concluiu com destaque principalmente para o sentimento de coletivo do movimento:

No movimento, a luta social tem um significado muito maior do que a reivindicação. Na experiência das ocupações, por exemplo, o cotidiano revela uma sociabilidade completamente diferente do que em geral se está acostumado. As identidades coletivas e a solidariedade aparecem como alternativa à uma forma individualista de vida. Isso por si só cria memória afetiva e coletiva, o que tem uma importância grande. Mas é claro que o registro dessas memórias também é fundamental. Nesse sentido, escrevemos recentemente um pequeno livro para resgatar uma parte dessas histórias de luta e resistência. Outras iniciativas estão sendo gestadas.

Assim, o que pode ser notado pelas falas de Guilherme Simões, é que o MTST, apesar de um movimento de maior articulação na luta por moradia no país, representa em um contexto nacional, muito mais que a reivindicação por moradia, um símbolo de luta social, inclusive, seria talvez esse o maior significado dos movimentos sociais.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS OBTIDOS

Para se alcançar os objetivos propostos neste artigo, uma vez que se faz presente a discussão sobre a mídia hegemônica e sua construção de notícia em relação ao MTST, optou-se pela Análise Crítica do Discurso (ACD) a fim de se chegar nos resultados pretendidos.

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as “constituem”, diferentes discursos constituem entidades-chave (...) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (...) e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizadas na análise de discurso. FAIRCLOUGH, 2001, p 22

Assim, a proposta dessa metodologia visa auxiliar na interpretação das notícias sobre o movimento, não apenas as apresentadas neste trabalho, mas sim, numa análise geral das características de abordagem textual das notícias veiculadas pela mídia hegemônica. Para Fairclough (2001), as abordagens utilizadas no discurso podem ser divididas em dois grupos sendo elas a abordagem “crítica”, onde o discurso é modelado por relações de ideologia e poder, exercendo assim efeitos sobre os indivíduos; e a abordagem “não crítica”.

Para se interpretar os valores-notícia, será analisado a teoria de newsmaking, no que diz respeito ao critério de noticiabilidade das notícias, com apontamentos propostos por Mauro Wolf e elucidados por Tuchman, para a qual “o processo de

produção da notícia é planejado como uma rotina industrial” (Pena, 2005, p 129). A relação das interpretações das notícias, com informações colhidas em entrevista com Guilherme Simões do MTST, e com os apontamentos retirados do livro sobre o movimento, serão necessários para a análise proposta neste artigo.

3.1 Cobertura midiática sobre ações do MTST

Para se evidenciar o que vêm sendo discutido neste estudo, se faz necessária a interpretação de algumas notícias que circularam sobre o MTST. Assim, foram filtradas três notícias, onde o critério de escolha foi baseado no período histórico do Movimento. E os jornais escolhidos, devido a sua notoriedade no cenário nacional.

A primeira notícia analisada é do jornal O Globo Fundado em 1925, o jornal faz parte do Grupo Globo, da família Marinho, grupo considerado a quarta maior organização de mídia do mundo, segundo Matos (2008). O jornal passou por grande reestruturação desde sua criação até os dias atuais, e hoje conta com o modelo impresso e digital. A notícia é de 31 de Julho de 2003, e traz como enunciado a frase “Sem-teto invadem cinco áreas em 24 horas”. A notícia foi impressa no caderno do jornal “O País” que tratava de assuntos de cunho social. A redação assinada pelos jornalistas Letícia Lins e Aloysio Balbi, utilizou a palavra “invasão” e adjetivos relacionados, por muitas vezes ao longo de toda a construção textual. Essa redundância, como visto anteriormente por Pena (2007) tem o sentido de reforçar a ideia proposta na notícia, no caso, de que não há legitimidade das ocupações realizadas pelo MTST, e por isso, suas ações são criminalizadas. O formato de *lead* trazendo em seu primeiro parágrafo informações que serão percorridas durante o texto, remetem a um sentido negativo ao Movimento, uma vez que além de utilizar o verbo “invadir” para enfatizar a ação dos militantes, também traz uma conotação de ameaça a sociedade ao mencionar que o grupo teria intenção de ação em outras propriedades. Além do texto rigorosamente apresentar características negativas, a síntese exibida acima do título, também reconfirma a ideia tratada no texto, uma vez que traz a frase “Tensão Social: Depois de São Paulo, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto intensifica ações em mais estados”. Além desses fatores, a disposição da página claramente ajuda a enfatizar a proposta de violência que possivelmente o MTST ocasionaria, ao trazer na mesma página uma reportagem de mesmo tamanho e espaço, referindo-se a morte de um fotógrafo, que apesar de ter ocorrido próximo a

um acampamento do MTST, nenhuma ligação teria com os militantes que ocuparam o espaço. Apesar de não ter ligação, à disposição da página acaba por gerar uma interpretação ao leitor de que os assuntos são interligados, até porque, logo abaixo da notícia sem relação, e na mesma página foi inserida uma notícia do MST, com clara intenção de relacionar os movimentos.

Figura 1: Página da Edição do dia 31 de Julho de 2003 do Jornal O Globo

10 • O PAÍS O GLOBO Quinta-feira, 31 de julho de 2003

TENSÃO SOCIAL: Depois de São Paulo, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto intensifica ações em mais dois estados

Sem-teto invadem cinco áreas em 24 horas
Em Pernambuco, ocupam... **For em área de Petróbras. Em Campos, no norte do Rio, alvo foi terreno da prefeitura**

Suspeitos de matar fotógrafo são presos
Acusado confessou ter atirado porque La Croix não quis entregar a máquina

Sem-terra organizam resistência em PE
Invasões ocorreram em áreas onde trabalhadores não tinham negociação de posse




Brasília. Os invasores se dizem membros do Movimento dos Sem Teto, mas não têm a estrutura e a organização do Movimento dos Sem Terra (MST), que nos últimos sete anos fez várias ocupações no município.

● RECIFE, SÃO PAULO e CAMPOS (RJ). Depois de ocupar cinco prédios em São Paulo na semana passada, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) intensificou ontem as ocupações em áreas urbanas de Pernambuco e no Rio. Cerca de 200 famílias invadiram um terreno da Petrobras em Recife. Foi a terceira ocupação do sem-teto no estado em 24 horas. A organização informou que até o fim de agosto promoverá invasões em 20 terrenos na Região Metropolitana.

RECIFE O movimento se diz composto por 200 famílias sem-teto que ocuparam cinco prédios em São Paulo na semana passada. A organização não tem estrutura e organização do Movimento dos Sem Terra (MST), que nos últimos sete anos fez várias ocupações no município.

RECIFE, SÃO PAULO e CAMPOS (RJ). Depois de ocupar cinco prédios em São Paulo na semana passada, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) intensificou ontem as ocupações em áreas urbanas de Pernambuco e no Rio. Cerca de 200 famílias invadiram um terreno da Petrobras em Recife. Foi a terceira ocupação do sem-teto no estado em 24 horas. A organização informou que até o fim de agosto promoverá invasões em 20 terrenos na Região Metropolitana.

RECIFE O movimento se diz composto por 200 famílias sem-teto que ocuparam cinco prédios em São Paulo na semana passada. A organização não tem estrutura e organização do Movimento dos Sem Terra (MST), que nos últimos sete anos fez várias ocupações no município.

RECIFE, SÃO PAULO e CAMPOS (RJ). Depois de ocupar cinco prédios em São Paulo na semana passada, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) intensificou ontem as ocupações em áreas urbanas de Pernambuco e no Rio. Cerca de 200 famílias invadiram um terreno da Petrobras em Recife. Foi a terceira ocupação do sem-teto no estado em 24 horas. A organização informou que até o fim de agosto promoverá invasões em 20 terrenos na Região Metropolitana.

Fonte: Acervo digital O Globo

Outra notícia escolhida para análise, é da Folha de São Paulo. Importante jornal, considerado um dos mais influentes do Brasil, teve sua fundação oficial na década de sessenta, após junção do “Jornal da Noite”, “Jornal da Manhã” e “Jornal da Tarde”, ficou conhecido principalmente pelas coberturas políticas. A notícia escolhida

é de 31 de março de 2007, e foi impressa no Caderno 2, que trata de assuntos do cotidiano até os dias atuais. Assinada por Marlene Bergano e Laura Capriglione, leva o título de “Em 2 semanas, sem teto erguem favela” para tratar de uma ocupação realizada na cidade de Itapeverica da Serra, que contou com cerca de mais de 3.500 pessoas. O local escolhido estrategicamente, era uma área ociosa que havia sido destinada a um campo de golfe, porém estava vazia há anos devido a desistência dos proprietários em levar adiante o empreendimento.

A produção textual segue o mesmo padrão da primeira notícia analisada, utilizando por vezes a palavra “invasão” para se referir a ação do MTST, inclusive, trazendo a ilustração de como se deu a estratégia de ocupação do local. Se feito uma análise semântica, as palavras “barraco” e “favelão” menosprezam e excluem os indivíduos que fizeram parte dessa ocupação, ainda mais por se ironizar o fato de que o local seria destinado a um empreendimento de luxo. A comparação com o MST aparece novamente na redação, e é apontado uma relação política do movimento com a esquerda, ao ironizar que o acampamento recebia o nome de um importante líder revolucionário. A narrativa com as fotos para ilustrar a quantidade de “barracos” que foram rapidamente erguidos, deixa mais clara a ideia de invasão de propriedade privada.

Figura 2: Página da Edição do dia 31 de Março de 2007 do Jornal Folha de São Paulo

em seu lead o fato de que o coordenador do MTST mora em residência própria e “supostamente” vive do salário de professor : “(...) mora em casa própria, diz que vive do salário de professor e lidera invasões de terrenos urbanos pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto”. Ao longo da narrativa escrita há novamente a presença da redundância para reforçar a prática das ações do movimento, como não legítimas, e também a citação de alguns políticos criticando as práticas adotadas pelo movimento, além de mais uma vez comparar ao MST na forma de agir, desta vez porém trazendo um histórico sobre o surgimento do movimento.

Figura 3: Página da Edição do dia 06 de Julho de 2014 do Jornal O Estado de São Paulo



Professor de classe média, que lidera MTST, defende pressão popular para aumentar base do movimento e é criticado por cerco a imóveis em São Paulo

Ele fez curso de Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), mora em casa própria, diz que vive do salário de professor e lidera invasões de terrenos urbanos pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Guilherme Castro Boulos, de 32 anos, casado com uma sem-teto, dois filhos, nascido em uma família de classe média paulistana, se diz um marxista com a missão de acumular forças políticas para a revolução socialista. Para atingir sua meta, ele intensifica ações urbanas dos sem-teto e põe proprietários e mercado imobiliário em alerta.

Ao se pensar que, como visto por Souza (2002), a construção da notícia é resultado de ideologia, indivíduos, sociedade e meio, pode se destacar que a escolha do MTST como notícia para os três jornais, foi resultado de situações sobretudo políticas no momento de suas criações. Nesse aspecto, todas apresentaram características relacionadas aos valores de notícias de categoria substantiva, onde Pena (2005) destaca a importância de quem está envolvido e o interesse público sobre o tema.

Nesse ponto de vista é interessante notar os períodos de construção das notícias, que convergem com períodos significativos do movimento, uma vez que a notícia do jornal O Globo foi impressa no ano de 2003, época em que o MTST, após importante ocupação de terreno em Guarulhos, estava ganhando notoriedade nacional; o mesmo acontece com a notícia da Folha de São Paulo, datada em 2007, uma vez que após períodos de grande instabilidade no movimento, as ocupações aumentaram significativamente. Já a notícia de 2014, foi idealizada em meio a organização mais consolidada, com mídias alternativas parceiras, e com grande destaque em mobilizações sociais, inclusive pós protestos de 2013, com a figura marcante de Guilherme Boulos que já apresentava diretrizes políticas mais consolidadas.

Se comparado a estética das notícias, também apresentam similaridade na forma como foram dispostas, entre fotos e assuntos correlacionados. E o fato de que em todas o MTST ser relacionado ao MST, traz claramente uma tentativa de não tornar legítima as ações do movimento referente a propriedade urbana, uma vez que a mídia hegemônica toma a mesma abordagem sobre as ações de ocupações de terras realizadas pelos sem-terra.

Ao ser associado a análise das notícias com a entrevista feita com Guilherme Simões, pode ser destacado principalmente o fato de que a mídia tradicional ao construir a notícia sobre o MTST, não traz para discussão os motivos que levam as ações de ocupações, no sentido da função social da propriedade e do direito à moradia, garantidos na Constituição. Assim, como inclusive citado por Simões, as instituições de poder “priorizam a propriedade privada de alguns em detrimento ao direito à cidade para as maiorias”, ou seja, do território como interesse para a produção do capital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar todo o processo de transformação da informação, é notório que os veículos de comunicação de maior alcance sempre foram controlados por setores hegemônicos da sociedade. Dessa forma, a mídia tradicional sempre esteve relacionada ao poder e assim, detendo não só a força da informação, como o controle ideológico ao que deseja submeter o indivíduo. No Brasil, onde temos um processo histórico muito marcado pelas diferenças sociais, em que “poucos detêm muito”, a manipulação através da informação acaba se tornando um caminho mais fácil, uma vez atrelado a esse processo, temos as questões políticas muito presentes e em alguns aspectos, marcados por acontecimentos recentes, como o caso do período da Ditadura Militar, onde o acesso aos meios de comunicação eram restritos e censurados.

Assim, devido a detenção de poder das mídias tradicionais, toda organização que envolva questões que contrariem ou ameacem a hegemonia desses meios, são evidenciadas com violência, criminalização e desordem pública. É o caso dos movimentos sociais, uma vez que dificilmente suas reivindicações são claras ao se tornarem notícias já que a ênfase sempre é dada a ação de acordo com o ponto de vista dessas empresas.

Se analisado historicamente as questões sociais no Brasil, os movimentos sociais têm significativa importância para auxiliar nos direitos da maioria da população, que por motivos tratados no decorrer do trabalho, acabam sendo minorias nas questões que envolvem seus direitos. E nesse sentido, o MTST, como maior movimento no país que luta pelos direitos que envolvem acima de tudo moradia digna, têm um papel significativo nesses 20 anos de existência. Os princípios do movimento, atrelados principalmente ao argumento de que todo indivíduo tem direito a moradia, se torna um artefato de suma importância para as ações envolvendo a organização, uma vez que a luta social para o movimento é mais importante que a reivindicação em si.

Com a criminalização pela mídia tradicional, as estratégias de veículos de comunicação alternativos são fundamentais para minimizar os aspectos negativos que a sociedade acaba por ter de suas reivindicações. As parcerias com mídias alternativas, o jornal de comunicação interno e figuras públicas como a de Guilherme

Boulos, são essenciais e estratégicas para o MTST; atrelado a isso, a simbologia do movimento e as características de coletivo para as tomadas de decisões, tornam a existência do movimento uma organização mais concreta. Desse ponto de vista, a estrutura do MTST é muito bem organizada, e a força está principalmente no coletivo do movimento, desde as ações em si de ocupações e mobilização social, como na utilização da mídia alternativa.

É importante no entanto, ressaltar que por mais que o movimento se articule para minimizar os impactos negativos ocasionados pela exposição violenta da mídia tradicional, a mídia hegemônica deve ser responsabilizada pelos meios que utiliza na construção da notícia, uma vez que, por exemplo, quando o indivíduo lê uma notícia em que se depara com a informação que o MTST “invade” propriedades privadas com truculência, ou que as famílias transformam terrenos particulares em “favelas”, ou que bloqueiam rodovias atrapalhando o trânsito, acabam criando uma imagem negativa do movimento, e dificilmente mudarão seu ponto de vista, se não tiverem proximidade com as reivindicações realizadas pelo movimento.

Assim, deveria existir uma ética profissional por parte desses meios, para que a informação não fosse articulada para fins de controle de suas ideologias para a população, uma vez que a narrativa utilizada pelas instituições de poder, tem por principal objetivo a questão do território, no caso, a propriedade privada, como interesse de reprodução do capital e dessa forma, a discussão sobre a função social da propriedade, não são de fato dirigidas ao receptor da informação.

REFERÊNCIAS

Acervo Digital Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>> Acesso em 09 de Janeiro de 2019.

Acervo Digital O Globo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/> Acesso em 11 de Janeiro de 2019.

Acervo Digital O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em 08 de Janeiro de 2019.

ADORNO, Nome; HORKHEIMER.. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.

ALVAREZ, Sônia; E.DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (organizadores) **Cultura e Política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito da informação**. Perspectivas em Ciência da Informação. 2007

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#art183> Acesso em 19 jan. 2019.

Constituição Federal (Texto compilado até a Emenda Constitucional nº 99 de 14/12/2017). Disponível em <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_6_.asp> Acesso em 19 jan. 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, Ed Universidade de Brasília, 2001.

HENRIQUES, Marcio Simeone (Org). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

ODILLA, Fernanda; PASSARINHO, Nathalia; BARRUCHO, Luís. **Brasil tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios, diz urbanista**. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44028774>> Acesso em 10 jan. 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, EDUSC, 2001.

LAGE, N. L. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3ª ed. Revista 3a.. Florianópolis, InsularEdufsc, 2001.

MATOS, Carolina. **Jornalismo e a Política Democrática no Brasil**. São Paulo, Publifolha, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo - Gêneros opinativos do Jornalismo Brasileiro**. São Paulo, Mantiqueira, 2003.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org). **Comunicação e Cultura das Minorias**. São Paulo, Paulus, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2015.

SIMÕES, Guilherme; CAMPOS, Marcos; RAFAEL, Rud. **MTST 20 anos de História: Luta, organização e esperança nas periferias do Brasil**. São Paulo. Autonomia Literária, 2017.

Site Oficial do Movimento dos Trabalhadores sem Teto. Disponível em <<https://www.mtst.org/>> Acesso em 06 jan. 2019 .

Site da BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44028774> Acesso em 06 de janeiro de 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Chapecó, Argos, 2002.

SUGAHARA, Cibele Roberta. **Redes Sociais:** um olhar sobre a dinâmica da informação na rede (APL) Arranjo Produtivo Local Têxtil, de Americana – São Paulo. São Paulo, USP, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 9ª ed.** Petrópolis/RJ, Vozes, 2008

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e Mídia:** A criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas décadas. Paraná, 2007.